

A AFETIVIDADE EM SALA DE AULA E A INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: PENSAMENTOS DOS JOVENS DO 9º ANO DA UNIDADE ESCOLAR DEPUTADO TERTULIANO MILTON BRANDÃO

Carla Daniela Alves Rodrigues¹
Ramon Davys Angel Soares Barbosa Vieira²

RESUMO

Este estudo analisa as ideias e conceitos dos jovens, com idade entre 13 e 16 anos, do 9º ano do Ensino Fundamental II da Unidade Escolar Deputado Tertuliano Milton Brandão, desenvolvendo o tema afetividade na relação educador/educando na atmosfera da sala de aula. Para realizar a pesquisa de campo, convidamos um grupo de 20 (vinte) jovens das duas turmas da escola, entre eles 10 (dez) meninos e 10 (dez) meninas. Realizamos a pesquisa na própria escola pela comodidade e qualidade do encontro com os jovens. Realizamos uma conversa informal com a temática afetividade na sala de aula, por meios de entrevistas, resolução de questionário e realizações de dinâmicas. Como resultados, percebemos que para os jovens, o termo afetividade está ligado a sentimentos de amor e respeito ao próximo, a um bom relacionamento entre as pessoas, ajuda mútua, sendo de suma importância para uma boa relação com professores e demais alunos, superação das dificuldades em sala de aula, e indispensável para sua aprendizagem. Compreendemos também a partir das repostas dos questionários e falas que é preciso ouvir mais os jovens para que a afetividade aconteça de fato, ouvindo-os podemos entender o que se passa em seus pensamentos, podemos conhecer suas emoções e sentimentos, sobretudo, seus anseios e desejos.

Palavras-chave: Afetividade. Aluno. Professor. Aprendizagem. Sala de Aula.

1 INTRODUÇÃO

Ultimamente, muitos estudiosos vêm dando um papel de destaque ao aspecto afetivo associado ao aspecto cognitivo no processo de construção da pessoa, superando a tradicional visão dualista que considera a pessoa dividida em dois campos (corpo/mente), onde o corpo faz parte do campo de estudo das ciências naturais e a mente faz parte do campo de estudo das ciências filosóficas.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em História Pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI. Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí-UFPI. Professora da Faculdade do Médio Parnaíba-FAMEP.

² Graduado em Licenciatura Plena em Filosofia – UFPI e Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional – FAEME. Aluno do curso de especialização em Docência, Gestão e Supervisão Escolar.

As teorias que têm uma visão integrada do ser humano, ou seja, que não dissociam o aspecto afetivo do aspecto cognitivo vêm influenciando de maneira positiva as relações existentes no ambiente escolar, tanto entre educador/educando quanto entre educando/educando.

Neste sentido, percebemos ser necessário que haja um investimento afetivo nas relações interpessoais existentes em sala de aula, deixando de lado a indiferença que muitas vezes permeiam essas relações, de modo que seja possível uma troca não só de conhecimento, mas de respeito, atenção e confiança.

A existência da afetividade em sala de aula tem influência positiva não só no campo cognitivo, ela também influi positivamente nas interações sociais, pois a dimensão afetiva de um ser humano é também aprendida nas relações que ele estabelece com as outras pessoas e que vão sendo construídas ao longo de sua história pessoal.

Muitas são as reflexões acerca da afetividade, neste estudo, entretanto, buscamos descobrir qual o pensamento dos jovens, com idade entre 13 e 16 anos, do 9º ano do Ensino Fundamental II da Unidade Escolar Deputado Tertuliano Milton Brandão, têm sobre afetividade na relação educador/educando na atmosfera da sala de aula.

É válido ressaltar que os dados obtidos na pesquisa nos apontaram uma visão mais detalhada a respeito do conhecimento que os jovens têm sobre afetividade na sala de aula e o grau de importância deste aspecto na construção de seus aprendizados e nas relações interpessoais existentes em sala de aula.

Para realizarmos este estudo recorreremos às teorias psicogenéticas de Henry Wallon, Lev Vygotsky e Piaget nos escritos de Dantas (1992), Galvão (2003), La Taille (1992) Oliveira; Rego (1992), Tassoni (2002), Gabriel Chalita (2003) entre outros que muito contribuíram para a concepção do tema gerador: afetividade na sala de aula.

2 O QUE É AFETIVIDADE?

A palavra afeto vem do latim *affectur* (afetar, tocar) e constitui o artifício fundamental da afetividade. Segundo caracterização do Dicionário Aulete (2011, p.55), o verbete afetividade: “qualidade, característica ou condição do que é ou se

mostra afetivo [...] tem caráter afetivo, que se manifesta sob forma de emoções, sentimentos.”

Muitas vezes os termos emoção e afetividade são confundidos como se fossem sinônimos. Segundo Galvão (1995, p. 61) “a afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações”. As emoções, os sentimentos, e os desejos são manifestações da vida afetiva, sendo que as emoções vêm sempre acompanhadas de alterações orgânicas, “tendo incontestável valor plástico e demonstrativo” (Galvão, 1995, p. 72).

Afetividade significa um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza. Posto isso, percebemos que na literatura geral não há um consenso a respeito da conceituação de afetividade, tendo em vista a complexidade dessa conceituação.

Dessa forma, analisar as relações afetivas que se formam na escola, mais precisamente na sala de aula, é um grande desafio, tendo em vista que estas interações entre os sujeitos são bastante subjetivas e dependentes do meio sociocultural, visto que:

dentre os fenômenos psicológicos, os afetivos apresentam uma grande dificuldade de estudo, tanto no que se refere à conceituação, como também quanto à metodologia de pesquisa e de análise. Na literatura encontra-se, eventualmente, a utilização dos termos afeto, emoção e sentimento, aparentemente como sinônimos. Entretanto, na maioria das vezes, o termo emoção encontra-se relacionado ao componente biológico do comportamento humano, referindo-se a uma agitação, uma reação de ordem física. Já a afetividade é utilizada com uma significação mais ampla, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas. (LEITE; TASSONI, 2002, p. 15)

Percebemos nesta citação que mesmo entre os teóricos também não há um consenso no que se refere aos conceitos e metodologia de pesquisa dos fenômenos psicológicos afetivos. Leite e Tassoni fazem em seus escritos um paralelo entre o pensamento de alguns autores sobre o referido tema e concluem que

embora os fenômenos afetivos sejam de natureza subjetiva, isso não os torna independentes da ação do meio sociocultural, pois é

possível afirmar que estão diretamente relacionados com a qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas. Dessa maneira pode-se supor que tais experiências vão marcar e conferir aos objetos culturais um sentido afetivo. (LEITE; TASSONI, 2002, p.18)

No âmbito educacional, o estudo da afetividade vem ganhando cada vez mais relevância, tanto no que se refere à constituição do sujeito quanto na construção do conhecimento, uma vez que formam um amálgama indissociável entre pensamento e sentimento; além de que as relações entre ensino e aprendizagem necessitam ser movidas por relações de afetividade.

O termo afetividade na psicologia refere-se à sensibilidade do ser humano em determinadas situações que ocorrem no mundo exterior (origem intersíquica) ou em si próprio (origem intrapsíquica).

2.1 A afetividade na abordagem de Henry Wallon

Na concepção de Wallon *apud* Dantas (1992, p. 85), a dimensão afetiva ocupa lugar central tanto do ponto de vista da construção da pessoa, “buscando compreendê-lo do ponto de vista do ato motor, da afetividade e da inteligência, assim como do ponto de vista das relações que o indivíduo estabelece com o meio”

Nesta concepção, é através da dimensão afetiva que o psiquismo emerge da vida orgânica. É pelo vínculo imediato instaurado entre o ambiente social e a consciência afetiva que há o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo da sua história. Dessa forma, essa consciência permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva.

Segundo esta teoria a afetividade diz respeito à eficácia que mobiliza a pessoa em direção à ação, enquanto que o intelecto diz respeito ao poder estruturante que lhe dá forma a partir dos esquemas disponíveis naquele momento. Nesta concepção a emoção antecede claramente o aparecimento das condutas do tipo cognitivo.

Na perspectiva genética waloniana as dimensões afetivas e cognitivas estão íntima e dialéticamente relacionadas: a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, assim como a evolução da

inteligência depende das construções afetivas. Todavia, o autor admite que, ao longo do desenvolvimento humano, existem fases em que predominam o aspecto afetivo e fases em que predominam o aspecto cognitivo, e essa preponderância decorre da integração existentes entre estes aspectos.

A abordagem walloniana muito contribui para a educação, propondo uma vida escolar que vise a formação completa da pessoa integrada ao meio que está inserida, deste o pré-escolar até a universidade, considerando e estimulando a construção de valores morais e éticos, respeitando o desenvolvimento afetivo, cognitivo de socialização e maturação biológica de cada indivíduo. Wallon insiste na importância do professor nesse processo, pois ele é o mediador do processo escolar de aquisição da cultura pelo aluno, e, portanto, de cultivador de aptidões.

2.2 A afetividade na abordagem de Lev Vygotsky

De acordo com Vygotsky (OLIVEIRA; REGO 2003, p.52), são os desejos, necessidades, emoções, motivações, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo que dão origem ao pensamento e este, por sua vez, exerce influência sobre o aspecto afetivo-volitivo. Na sua abordagem sócio-histórico-cultural, cognição e afeto não se encontram dissociados no ser humano. Pelo contrário, se inter-relacionam e exercem influências recíprocas ao longo de toda a história do desenvolvimento do indivíduo.

Nesta abordagem, salienta Oliveira e Rego (2003, p. 18), “[...] reconhecer a íntima relação entre pensamento e a dimensão afetiva é uma condição necessária, porém não é suficiente para os estudos psicológicos”. A vida emocional do sujeito postulado pela psicologia sócio-histórico-cultural deve ser analisada também por outros fatores, tais como: a cultura, a experiência, as interações com outras pessoas, os processos físicos e mentais, que são fatores imprescindíveis no estudo dos processos de desenvolvimento psicológico. “Nessa perspectiva pode-se afirmar que a afetividade humana é constituída culturalmente” Oliveira e Rego (2003, p. 28).

Vygotsky, segundo Oliveira e Rego (2003, p.20), em seus estudos apontou também que “a qualidade das emoções sofre mudanças à medida que o conhecimento conceitual e os processos cognitivos da criança se desenvolvem”. É nessa mudança qualitativa das emoções que o homem adquire a capacidade de

autocontrole, ou seja, o desenvolvimento do intelecto é que vai controlar os impulsos e as emoções mais primitivas (ex: medo, raiva).

Esta abordagem dedicou especial atenção à educação, a escola nesta concepção é percebida como um local privilegiado com capacidade de proporcionar de forma sistematizada a interação da criança com o meio cultural e com o conhecimento por meio da interação com o outro em ambiente afetivo. Nesta perspectiva o professor tem o papel de provocar avanços nos alunos e isso se torna possível com sua interferência na zona de desenvolvimento proximal³.

2.3 A afetividade na abordagem de Piaget

Piaget em sua epistemologia genética preocupou-se, particularmente, em compreender como se estrutura o conhecimento, isto é, a sua natureza e evolução e “pouco escreveu sobre afetividade, o que não significa, [...], que não tenha considerado essa dimensão como importante para o estudo da inteligência e do desenvolvimento psicológico” (SOUZA, 2003, p. 53).

Na perspectiva piagetiana, bem como nas perspectivas aqui citadas, a relação que há entre os aspectos afetivos e cognitivos no ser humano são de fundamental importância no desenvolvimento intelectual, embora não considere que a afetividade seja suficiente para a constituição da inteligência. É válido ressaltar que para Piaget, “a afetividade não se restringe às emoções e aos sentimentos, mas engloba também as tendências e a vontade.” (SOUZA, 2003, p. 57)

No transcorrer de seu trabalho, Piaget, incorporou outro tema na relação entre a afetividade e a cognição, que são os valores. Os valores são considerados como pertencentes à dimensão geral da afetividade no ser humano e afirma que eles surgem a partir de uma troca afetiva que o sujeito realiza com o meio, com objetos ou pessoa. Eles surgem da projeção dos sentimentos sobre os objetos que, posteriormente, com as trocas interpessoais e a intelectualização dos sentimentos, vão sendo cognitivamente organizados, gerando o sistema de valores de cada sujeito. Os valores se originam, assim, do sistema de regulações energéticas que se estabelece entre o sujeito e o meio desde o seu nascimento, a partir de suas relações com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo.

³ Referente ao conhecimento que a criança está próxima a aprender e que o contato com o outro irá favorecer esse aprendizado.

A teoria piagetiana abriu campos de estudo para várias áreas do conhecimento, dentre elas a pedagogia que talvez tenha sido a mais beneficiada. Esta teoria permite que o profissional da educação – pedagogo –, trace metodologias específicas baseadas em suas descobertas, pois divide o desenvolvimento humano em estágios cognitivos, proporcionando uma melhor compreensão do desenvolvimento cognitivo.

2.4 A afetividade na abordagem de Gabriel Chalita

Segundo Gabriel Chalita (2003, p 69):

Os professores, a direção, a equipe pedagógica, a família, enfim todos que possuem relação com a criança, devem desenvolver maneiras que favoreçam o desenvolvimento integral do educando, fazendo que o mesmo assuma o seu potencial afetivo e criativo e que também, possa ampliá-lo, com a finalidade de corrigir suas deficiências de aprendizagem e para que sua auto-estima possa ser elevada no momento em que houver valorização do seu potencial e de suas aptidões.

Todo ser humano precisa de afeto, e em sala de aula, não é diferente, pois a própria relação estabelecida entre o professor e o aluno requer a presença da afetividade. A afetividade, não se restringe somente a escola, também está inserida dentro do ambiente familiar, o qual também precisa desenvolver laços de afeto em seus filhos.

A realidade é que, embora o professor tenha um alto nível intelectual e grande conhecimento de sua disciplina, a maneira como ele se relaciona com seus alunos será a chave do sucesso da construção do que ensina.

3 A AFETIVIDADE PARA OS ALUNOS DO 9º ANO DA U. E. DEPUTADO TERTULIANO MILTON BRANDÃO: PERCURSOS DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa sobre a afetividade em sala de aula e a influência no processo de aprendizagem foi realizada no dia cinco de junho de 2014 na Unidade Escolar Deputado Tertuliano Milton Brandão, localizada no Bairro Dirceu I, na cidade de Teresina (PI). Para uma melhor organização pedagógica, optou-se seguir um cronograma com rotinas de trabalhos, bem como: conversa informal sobre o tema,

entrevistas e aplicação de questionários, além do desenvolvimento de dinâmicas. A sala escolhida para a realização da conversa e resolução do questionário foi o laboratório de informática por ser climatizada e dessa forma oferecer um maior conforto para o relaxamento e privacidade dos participantes durante as conversas e aplicação do questionário.

Os trabalhos foram realizados com uma representação de 20 (vinte) jovens, pertencentes às duas turmas do 9º ano, entre estes, meninos e meninas na faixa etária entre 13 e 16 anos. Usamos a nomenclatura Aluno A para citar o pensamento das meninas e Aluno B para o pensamento dos meninos, para não expor a identidade dos mesmos.

A princípio realizou-se uma conversa informal com os alunos, convidando-os para participarem da pesquisa, alguns não deram atenção, porém grande parte se preocupou em participar e contribuir com a realização do trabalho.

O questionário representa uma fonte de dados para a construção e estudo das ideias e conceitos que estes jovens têm sobre afetividade na sala de aula. Muitos foram os pensamentos analisados sobre o conceito de afetividade, o fato relevante é que todos os jovens que realizaram o questionário conhecem o que é afetividade, e principalmente tem condição de manifestar opinião da temática dentro do contexto escolar.

No questionamento sobre se os professores são afetivos, parte dos alunos disseram que os professores são afetivos com eles e com os demais alunos em sala de aula, a outra parte disse que os professores não são. Percebemos assim pensamentos divergentes dos alunos quanto a afetividade. Isto pode ser evidenciado no pensamento de dois alunos. Para um aluno, “a maioria dos professores nos trata como pessoas de sua família.” (ALUNO A DE 14 ANOS, 2014). Enquanto o outro afirma: “Nem todos são afetivos, brigam e gritam muito.” (ALUNO B DE 14 ANOS, 2014)

Nos depoimentos, citados por dois alunos, percebe-se claramente duas situações de abordagens e resultados diferentes num mesmo contexto, sendo que a situação de negação e tratamentos agressivos nas práticas de alguns professores em sala de aula, nos levam a refletir acerca da influência negativa dessa postura docente no processo de desenvolvimento intelectual dos alunos, nos aspectos cognitivo e afetivo.

No que diz respeito a afetividade dos alunos com os alunos, alguns disseram que são e outros não, nesse aspecto, percebeu-se que as respostas dadas pelos alunos, manifestaram a falta ou a dificuldade deles em desenvolver relações amigáveis e de respeito entre seus pares, nos remetendo a necessidade de práticas educativas interativas a serem desenvolvidas na escola para esse fim.

Ainda nesse aspecto os pensamentos dos jovens merecem atenção por se aproximarem bastante do que dizem alguns teóricos. Abaixo segue um conceito conclusivo de um aluno da escola pesquisada:

Com afetividade na sala de aula a relação com o professor e o aluno, fica mais fácil a comunicação e aprender, a afetividade é a interação com os amigos, é conhecer melhor e aprender as coisas, compreender as dificuldades que acontecem, superar algumas tarefas. A relação é melhor com todas as pessoas. (ALUNO A DE 16 ANOS, 2014).

Com base neste pensamento, Como a afetividade ajuda na superação das dificuldades que acontecem em sala de aula? Quais são estas dificuldades? Na categoria obstáculos que impedem os jovens de chegar ao lugar da afetividade na sala de aula, construíram os entrevistados os seguintes pensamentos: “Na vida da gente sempre há alguns obstáculos que por mais difícil que seja a gente sempre consegue superar.” (ALUNO A DE 15 ANOS, 2014). “O obstáculo que me impede de chegar ao lugar da afetividade, são minhas dificuldades que tenho de aprender os assuntos.” (ALUNO A DE 14 ANOS, 2014)

Mas para superar estes obstáculos (falta de respeito; brigas; xingamentos; apelidos; bullying; bagunça; conversas; discussões), o lugar da afetividade é importante entre os jovens, pois encontraram alguns aliados que os ajudaram a superá-los, como podemos perceber nas seguintes falas dos alunos: “Meus aliados são os amigos que me ajudaram a atravessar a ponte.” (ALUNO A DE 14 ANOS, 2014). “A afetividade ajuda na relação com o professor e fica mais fácil aprender.”(ALUNO B DE 15 ANOS, 2014)

Este último pensamento nos remete a teoria sócio-histórico-cultural, que tem o professor como um dos mediadores, em sala de aula, entre o educando e o conhecimento, considerando que as interações existentes envolvem aspectos cognitivos, e também aspectos afetivos.

Constatamos, portanto, que a ideia dos jovens sobre afetividade na sala de aula está ligada a sentimentos – amor, amizade, respeito – e a emoções. Estes conceitos concebidos por eles são também em partes concebidos pelos teóricos aqui citados: Wallon, por exemplo, tem nas emoções o suporte para o surgimento da consciência de si, sendo ela [emoção] apenas uma das manifestações da afetividade (GALVÃO, 2003, p. 72), para ele “a afetividade é componente permanente da ação, e se deve entender como emocional também um estado de serenidade”

Apesar de na literatura em geral não haver um consenso a respeito do conceito de afetividade, como já enfatizado, podemos dizer que estes conceitos formam um emaranhado de ideias que nos levam a relacionar afetividade a sentimentos e emoções (estados emocionais - alegria, serenidade, cólera, medo, etc.). Sendo impossível, portanto, dissociar o desenvolvimento humano do campo da afetividade já que os sentimentos e emoções são componentes permanentes em toda e qualquer ação humana.

Além de compreendermos os conceitos que eles têm de afetividade, também conseguimos atingir o objetivo maior, que era analisar o pensamento dos jovens sobre afetividade na sala de aula e a relação educador/educando, seus depoimentos nos confirmaram que quando há um bom relacionamento em sala de aula o aprendizado é muito mais proveitoso, para eles até a maneira como o professor fala em sala de aula é importante para a construção de um ambiente acolhedor.

Percebe-se, ainda, que eles pareciam querer desabafar acerca de alguns conflitos de relacionamento entre educador/educando existentes em sala de aula e aproveitaram o momento para expor suas angústias:

Gostaríamos de ser ouvidos pelos professores e pela escola, que acreditassem na gente, mas temos medo de falar e a situação piorar para o nosso lado, essas pesquisas são boas porque pelo menos assim a gente é ouvida. (ALUNO A DE 16 ANOS, 2014)

Entende-se que esse pensamento em forma de desabafo é bem reflexivo, chama atenção por se aproximar do pensamento de Chalita (2003) e assim temos que, enquanto educadores, revermos nossas práticas afetivas para termos melhores resultados cognitivos, bem como aprofundarmos nossas relações sociais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa ao mesmo tempo em que nos permitiu conhecer o que os jovens pensam sobre afetividade na sala de aula, nos possibilitou confirmar algumas hipóteses feitas ainda no projeto de pesquisa, quais seja, a intensificação das relações existentes em sala de aula, os aspectos afetivos, a dinâmica das aulas e as formas de comunicação utilizadas, devem ser caracterizadas como pressupostos básicos para a mediação entre o educando e o conhecimento, favorecendo o processo ensino-aprendizagem.

Um fato interessante nesta pesquisa foi que todos os jovens entendem o que é afetividade, e que já tinham alguma base, e que só através desta, podemos superar as dificuldades vivenciadas em sala de aula. Outro fato importante foi a necessidade que os jovens sentem de serem ouvidos, afinal ouvir tem a ver com afeto e, geralmente, os envolvidos e responsáveis no processo educacional querem falar, esquecendo que para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa é importante saber ouvir.

Concebemos que as dimensões afetivas não podem ser ignoradas e que estas devem ser consideradas pelos professores no planejamento educacional, já que a qualidade das decisões assumidas por eles tem repercussão marcadamente afetiva e consiste no diferencial que pode transformar a experiência de aprender em uma interação de sucesso ou de fracasso.

Esta ideia nos leva a refletir quão importante é a construção ou reconstrução de novos caminhos com muito compromisso e responsabilidade e para isso é necessário ao educador este olhar humano (afetivo) com atitude, competência e ética para conseguir dar continuidade ao exercício de cidadania na formação do educando, sendo o educador um provocador e motivador da realização de sonhos.

Os educadores precisam entender que o ato de ensinar requer afeto, quando existe prazer em aprender, certamente aprende-se melhor.

Ressaltamos que quanto melhores forem as condições de relacionamento em sala de aula melhores serão os resultados de aprendizagem e que a comunicação e o respeito mútuo têm uma importância singular no contexto da sala de aula, pois contribui para criar uma atmosfera favorável entre educador/educando além de servir também de troca de entendimentos e de proporcionar um aprendizado mais significativo

**THE AFFECTIVITY CLASSROOM AND INFLUENCE THE LEARNING PROCESS:
THOUGHTS FOR YOUNG PEOPLE OF 9 YEAR UNIT SCHOOL DEPUTY
TERTULLIAN MILTON BRANDÃO**

ABSTRACT

This study focuses on analysis of the concepts and ideas of young people, aged between 13 and 16 years old, 9th grade student of II School Unit Mr Milton Brandão have on affectivity in relation educator / learner in the classroom atmosphere. To conduct field research, invite a group of twenty (20) of the two young school classes, including ten (10) boys and 10 (ten) girls. We conduct research at the school for the convenience of meeting with young people. I conducted an informal conversation with the theme affectivity in the classroom, with interviews, questionnaires and dynamic resolution. As a result, we realized that for girls, the term affectivity is linked to feelings of love and respect for others, the good relations between people, mutual aid, which is extremely important for a good relationship with teachers and other students, overcoming difficulties in the classroom, and indispensable to their learning. We also understand from the responses to the questionnaires and statements that we need to hear more young people to affectivity actually happens, listening to them can understand what's going on in your thoughts, we can meet your emotions and feelings, especially their desires and desires.

Keywords: Affectivity. Student. Teacher. Learning. Classroom.

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: LEXIKON, 2011.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do Amor**: a contribuição de histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Editora Gente, 2003.

GALVÃO, I. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Ed Vozes, 1995.

LA TAILLE, Y. de; DANTAS, Heloysa; OLIVEIRA, M. K. de. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. 13. ed. São Paulo: Summus, 1992.

LEITE, S. A. ; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de Ensino e a mediação do professor. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. de A. (Org.). **Psicologia e formação docente**: desafios e conversa. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.

OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

SALTINI, C. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

SOUZA, M. T. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In: ARANTES, V. A. **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. 2. ed. São Paulo: Editorial Summus, 2003.